

José Nunes

O poeta e
as margaridas

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

Um

Quando o coronel João Mendes morreu, faltavam cinco meses para ele completar cem anos de idade. Gente de toda a redondeza esteve no funeral. As despedidas fúnebres ocorreram na casa-grande da fazenda, construída no apogeu da produção de café, no final da Monarquia, com eira e beira que de longe se observavam, com largas portas e janelas sempre escancaradas. Naquele dia em que o caixão ocupava o recanto da ampla sala, houve grande movimentação, pouco choro e muita reza.

Gente da cidade chegava a pé, senhores de engenhos e donos de fazendas de café vinham em cavalos brancos, pretos e pardos, com selas brilhosas e coxins vistosos. Carros, uns três ou quatro, desses modelos dos anos de 1950, chamavam a atenção quando cruzavam as estradas em debanda da casa onde estava o respeitado defunto.

Era dia de vento morno, e nuvens passeavam pelo céu de Serraria. Adultos e crianças circulavam pelo terreiro da fazenda, alguns trabalhadores recostados ao parapeito das janelas observavam o ritual do velório. Na cozinha, o cheiro de café quente, servido numa larga mesa cheia de comidas de milho

e bolacha. Para quem quisesse, havia chá de capim-santo e de folhas de laranjeira à disposição, em bules de alumínio.

Duas crianças se destacavam no ambiente da sala porque sempre estavam juntas aos pais, quietas. Não corriam pela casa ou pelo terreiro como as demais. Uma delas era Virgílio, menino com a cor de lírio alaranjado, de cabeleira loura em desalinho, sempre perto da mãe, sentado num tamborete de onde observava o que se passava em redor. Com dez anos, usava camisa listrada e calça curta cáqui azul e suspensório. Junto estava Beatriz, garota de seis anos, de pele macia de rosa púrpura, bem desenvolvida para a idade, cabelos compridos, dourados, presos por um laço de fita. Vestia uma saia plissada xadrez escura e blusa branca. Também estava com a mãe, e ficava todo o tempo sem dizer uma palavra.

As duas crianças chamavam a atenção pela maneira como se comportavam no lugar, sentadas, quietas, comportadas.

Virgílio e Beatriz estudavam no Grupo Escolar Francisco Duarte, na cidade. Conversavam durante o recreio e quase sempre retornavam juntos para casa, ao final das aulas. Desciam a rua principal da cidade, um pouco afastados da patota da escola que, em algazarra, era notada a distância.

Antes do corpo do coronel ser conduzido em cortejo para o cemitério de Serraria, dois quilômetros distantes da fazenda, as duas mães, com os filhos segurados pelas mãos, voltaram a pé para casa, conversando pela estrada sobre o que viram e ouviram durante o velório do coronel, amigo de seus pais. Chovia fino. Como os demais que estavam no cortejo, eram protegidas por sombrinhas coloridas.

Dois

Quando completou cinco anos que o coronel João Mendes tinha morrido, muita gente foi para a missa em sufrágio de sua alma. Virgílio e Beatriz estavam lá. Desde a morte do fazendeiro, muitas coisas aconteceram. Nova administração na cidade. Até o padre tinha sido transferido.

Naqueles dias, Virgílio andava cabisbaixo. Depois das missas, não frequentava o coreto da praça. No recreio da escola, não se interessava pelas conversas dos colegas. Andava pouco na companhia de Beatriz. Um dia, ela perguntou sobre o motivo de andar abatido. Nada respondeu. Mudou de assunto.

Não se interessava pelas retretas da banda de música nas tardes de domingos, no coreto, que costumeiramente frequentava. Preferia ficar sozinho em casa. Nas missas dominicais, sentava-se em bancos perto da mãe, sem prestar atenção ao sermão do padre. Às vezes, ficava em frente da Igreja e somente entrava quando o sacristão tocava o pequeno sino na hora da consagração do pão e do vinho.

Andava taciturno, isolado das rodas de conversas, gostava de estar sozinho. Ficava altas horas da noite lendo em seu

quarto. A mãe, na manhã seguinte, indagava por que tinha se deitado tão tarde.

Durante o dia, passava o tempo deitado na rede lendo romances de José Lins do Rego, de Eça de Queiroz, de Machado de Assis, que não sabia como tinham chegado à sua casa. Revelava-se na poesia de Fernando Pessoa e de Carlos Drummond de Andrade, poetas de quem a professora falava com entusiasmo. Escrevia versos de cordel que exaltavam a natureza, as palmeiras de sua terra e até dedicou versos aos olhos de Beatriz, que começava a ganhar corpo de menina crescida. Poemas chochos que nem mostrou à amiga.

O engenho da família fabricava cachaça e rapadura, as melhores de Serraria. Fazia quase um ano que não andava pela bagaceira, nem olhava as moendas triturando cana. O cheio do mel cozido nos tachos de metal trazia repugnância. Mel cheiroso e gostoso, o fortum da garapa azeda escorria pelas bicas, ficava na retina. Mas tudo isso o incomodava.

Detestava o cheiro do mel, do bagaço exposto ao sol, os trabalhadores passando de um lado a outro carregando bagaço em padiolas confeccionadas com cipó. Não mais olhava a fornalha com grandes labaredas e nem prestava atenção à fumaça da chaminé subindo como nuvens tontas. A gritaria na bagaceira o incomodava. Tudo chateava. Nem olhava os burros a subir e descer ladeiras com cargas de cana para alimentar as moendas.

— Este menino anda diferente — afirmou o pai durante o jantar. — Está muito caldo. Parece amofinado. Macambúzio, penso eu. As pessoas falam do modo como ele se veste, calça boca de sino, dos trejeitos do corpo quando anda. Se balança como um bambu ao vento.

— Deixa de conversa, Odorico. É caduquice tua. O povo daqui fala de todo mundo — defendia a mãe.

Ouvia o pai falar, mas continuava calado, sentado no recanto da mesa. Fazia a refeição sem demora. Olhava a fumaça saindo das terrinas de barro com a comida, fatiava a carne e enchia a colher e rápido levava à boca. Enquanto todos falavam à mesa, ele ficava calado, não prestava atenção ao que falavam.

Pouco falava com o pai, e ao irmão velho dirigia palavras suficientes para não parecerem inimigos.

Corriam boatos de que estava de rabicho com a filha do médico, uma criança de dez anos que tinha cara e jeito de menina. Andavam juntos há bastante tempo e, somente agora, davam conta disso. Os pais reclamavam.

— A menina nem tomou corpo, nem formou seios nem ancas, e Virgílio de olho nela — dizia seu irmão.

— Nada disso. Gosto muito de Beatriz, é uma boa menina, estudiosa.

É certo que muitas vezes conversavam depois da missa do domingo à noite. Um dia, sem conter o impulso, beijou a face dela. Nas casas vizinhas à igreja, pessoas observaram das janelas esse beijo fortuito entre as duas crianças.

Beatriz ainda era uma menina. Parecia com uma pedra rosada, daquelas que encontravam no engenho do pai.

Um esfrega-esfrega que dava o que falar. O pai dela até botou tocaia.

— É verdade, Virgílio?

Ele confirmou que conversava com Beatriz, como sempre fez, desde os tempos do grupo, depois das aulas e durante o caminho até chegar em casa, ou quando estava com ela na igreja. Mas nada desse esfrega que falam — dizia.

— Beatriz é uma menina por quem tenho muito carinho
— Virgílio se justificava.

A mãe lembrava:

— Seu pai não gosta daquela gente.

— Não ligo para isso.

— Meu filho, deixe de peitica, um dia teu pai te arrebenta o couro.

Numa noite quando voltava da novena do mês de maio com a mãe, Virgílio comentou que desejava ir embora. Pediu para não comentar o assunto em casa. Tinham parentes na Capital, e desejava buscar oportunidades de frequentar faculdade.

— O que você vai fazer lá, sem ter uma profissão? — perguntou a mãe.

— Não quero ficar lá por muito tempo. Mas aqui não aguento mais essas falações sobre minha pessoa, nem a pressão do meu pai para eu fazer o que não gosto.

— Tenha paciência, reflita com calma, meu filho.

— Tenho pensado nisso há bastante tempo, mamãe. Não nasci para massacrar ninguém, nem ser massacrado.

Ele se referia ao modo como o pai tratava os trabalhadores do engenho e a todos de casa.

— Então, meu filho...

Um dia, chamou Beatriz num canto, distante dos olhares na praça, e contou, em segredo, que estava indo embora para passar uma temporada na Capital.

Tocada de surpresa, sem demora a jovem propôs fugir com Virgílio. Este, no entanto, segurando a mão dela, respondeu com poucas palavras:

— Não seria precipitado?

Beatriz olhou demoradamente nos olhos de Virgílio, prendeu o soluço e deu o rosto para ele beijar. Virgílio continuou segurando levemente a sua mão e, como um relâmpago, seus lábios se tocaram pela primeira vez. Um beijo quente. Um beijo que ficou como uma luz vespertina.

Menos de um mês depois, bem cedo, Virgílio tomou o ônibus com destino à Capital, como tinha planejado.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2024.
